

## Notas sobre a maquinaria inconsciente e a ordem simbólica

*Luis Francisco E. Camargo*

*O sujeito, na medida em que fala, pode encontrar inteiramente sua resposta, seu retorno, seu segredo, seu mistério, no símbolo construído que as máquinas modernas representam para nós, ou seja, algo ainda bem mais acéfalo do que aquilo que encontramos no sonho da injeção de Irma<sup>1</sup>.*

Na apresentação do VII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Flory Kruger relaciona a perda da consistência da ordem simbólica à democratização da informação proporcionada pelo surgimento da internet: "não devemos esquecer que o tema da fragilização da ordem simbólica tem um aspecto de geração que, por sua vez, depende do grau da adoção da tecnologia"<sup>2</sup>. Trata-se de uma hipótese que indica um programa de investigação, pelo qual se poderia, talvez, responder à seguinte pergunta: quais são as consequências de uma debilitação da ordem simbólica para a direção do tratamento?

A propósito do termo "ordem simbólica", a prática lacaniana da psicanálise revelou, na relação do sujeito com a sua própria fala, uma ordem efetiva nos fatos que, até então, para o sujeito, restavam inexplicáveis. Essa ordem, revelada pelo trabalho de análise, constitui verdadeiramente um fato novo para o sujeito. Para Lacan<sup>3</sup>, aquilo que se denominava defesa contra os afetos era analisado equivocadamente como defesa contra o analista, como resistência na transferência. Igualmente, na época de Freud, a defesa do sujeito contra os afetos era sempre interpretada a partir do nó do Édipo. Por exemplo, a defesa

do sujeito poderia ser interpretada como defesa contra a sua própria mãe. Lacan nos orienta para outra via, na qual o objeto da defesa poderia ser reduzido pela existência de um terceiro que não estava lá.

[...] pode-se reencontrar, por esse viés, um plano mais profundo e a situação do sujeito na ordem simbólica. O contexto da análise não é outra coisa – reconhecer que função assume o sujeito na ordem das relações simbólicas que cobre todo o campo das relações humanas, e cuja célula inicial é o complexo de Édipo, onde se decide a assunção do sexo<sup>4</sup>.

Somente passando por essa etapa em que consiste o complexo de Édipo é que se poderia compreender aquilo do que o sujeito se defende: de um terceiro que não está lá e que o foi denominado por Lacan de "terceiro excluído": "a ordem simbólica é uma convenção simbólica, que tem um nome, precisamente: o *terceiro excluído*"<sup>5</sup>. Para Lacan, a ordem simbólica é deduzida no percurso da cadeia significante e, portanto, através da fala.

Laurent<sup>6</sup> ressalta que o sonho é um conjunto enumerável de significantes do sujeito. Em outras palavras, o sonho é uma coleção de significantes organizados a partir de uma lógica singular. Ao articulá-los à fala, o sujeito revela uma ordem simbólica que se apreende da associação livre. Essa articulação fora concebida como elaboração secundária, na qual encontramos sempre uma falha central denominada objeto a – seja na perspectiva de um furo ou de uma peça solta condensadora de gozo. O objeto a está localizado na conjunção destes três registros: imaginário, simbólico e real, aí estando como um *coordenador* de gozo na ordem simbólica. O objeto a nos dá as coordenadas do sujeito na ordem simbólica. Nesse sentido, a metáfora do nó borromeano incluiria, além da ordem simbólica, uma célula viva.

Em Freud, as leis determinantes desse *terceiro excluído* foram apresentadas como complexos familiares, especialmente o complexo de Édipo e o complexo de

castração. Já Lacan tentou formalizar uma ideia diferente sobre a origem da lei. As leis, para Lacan, são as que sujeitam o ser falante à própria língua, ou seja, às leis da linguagem. No entanto, Lacan encontra uma determinada falha na ordem significante: alguns fatos da vida do sujeito não obedecem a nenhuma ordem, o que foi representado por este ponto vivo, o objeto a. Em outras palavras, há um registro da língua que se encontra exterior ao sistema e não obedece a nenhuma lei.

Em boa parte, o lugar da fala surge como *outra cena*, como transformação da cena primitiva designando as origens do nível governado pela maquinaria inconsciente. O sujeito está sobredeterminado pelo simbólico e pela ambiguidade inerente ao discurso, só podendo ser reconstituído no percurso da cadeia significante.

Máquina é uma palavra que designa uma articulação significante, combinatória e determinista, cujas variações são rigorosamente condicionadas. Alguns anos mais tarde, Lacan dará sobre isso um exemplo de referência em seu ciclo dos quatro discursos. Colocação em cena do sujeito quer dizer, de fato, que a máquina combinatória está nos bastidores, que ela não se dá a ver, que está escondida, o que faz crer que está distante<sup>7</sup>.

Ao afirmar que o sujeito do inconsciente só pode ser reconstituído pelo percurso do significante, justificariamos simplesmente a necessidade de se falar ainda na análise, pois a maquinaria está nos bastidores da fala. É na fala que emerge a combinatória que está nos bastidores. O eu, ao dirigir sua palavra ao analista, reencontra aí o sujeito com o qual realmente a psicanálise opera. A fala continua a ser a via régia para o advento do sujeito do inconsciente e, posteriormente, o que Lacan formulará como *fallasser*. Grosso modo, o *fallasser* é a definição que conjuga o saber e o gozo, pois a noção de sujeito separava o ser da substância gozante, o ser desse

ponto vivo. O *falasser* é a noção que introduz no lugar da fala a ordem simbólica conjugada com o gozo sem sentido.

Freud criticou Sandor Ferenczi e Otto Rank tendo em vista os desvios da prática que consistiram nas tentativas de encurtar o caminho das análises, respectivamente, através da *técnica ativa* e através da teoria do trauma do nascimento<sup>8</sup>. Para Freud, continuava sendo indispensável percorrer a cadeia significante para reintegrar a história do sujeito e extrair dela as leis determinantes que constituíam a maquinaria inconsciente, encontrando, assim, o principal limite dessa empreitada: o gozo na sua face destrutiva, o gozo na forma de "pulsão de morte".

O problema atual é que supomos que a ordem simbólica está fragilizada e, nesse sentido, o próprio sujeito. Além do mais, que não saberíamos claramente as causas dessa debilitação. Acredita-se que suas causas estejam relacionadas às quedas dos ideais, à queda do Nome-do-Pai e dos significantes mestres.

Se considerarmos que a ordem simbólica nos tempos de Freud era constituída pelas leis imbricadas nos complexos familiares, essa hipótese indicaria que tais complexos, responsáveis pela estruturação simbólica e pelas funções de coordenação dos significantes do sujeito, foram substituídos por outra coisa. Por isso, já não falamos em *Nome-do-Pai*, mas na sua pluralização e no cumprimento, ou não, das funções de coordenação dos significantes nas redes da sobredeterminação psíquica.

A adoção da *tecnologia* não especificaria claramente esses determinantes, já que a palavra tecnologia significa, grosso modo, a *teoria da técnica*. De qual tecnologia estamos falando? Da tecnologia espacial, da tecnologia agrícola, da tecnologia da indústria farmacêutica, da tecnologia da engenharia, da tecnologia da medicina? Ora, todas essas tecnologias remontam a uma só: as ciências aplicadas. Nesse sentido, ao afirmar que os sujeitos são

determinados pela tecnologia, podemos dizer que são determinados pelos avanços da ciência.

Lacan, em "A ciência e a verdade"<sup>9</sup>, apresenta a ideia de que a psicanálise só pôde surgir com o advento da ciência moderna. Ele pinça na obra de Alexander Koyré o momento preciso do surgimento da ciência moderna, o *cogito* cartesiano: *penso, logo sou*<sup>10</sup>. Mas por que a psicanálise só surge a partir do advento da ciência? Porque o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala. Descartes foi quem desvinculou parte do pensamento da Igreja, possibilitando assim o surgimento da ciência. O ser do sujeito reside na sua própria fala como lugar da verdade. A meu ver, foi por esse motivo que Lacan distinguiu a questão de saber se a psicanálise é uma ciência da questão de saber se a sua experiência implica o sujeito da ciência. Lacan demonstrou que foi o sujeito da ciência que chegou até Freud, o sujeito dividido entre o pensamento e a fala, o sujeito dividido entre o saber e a verdade.

Encontramos um pequeno desenvolvimento da noção de *ordem simbólica* no início do ensino de Lacan. Segundo ele, "[...] a verdade que brota do momento do pensamento freudiano [...] é que a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito"<sup>11</sup>. Lacan ilustra a determinação dos sujeitos no percurso de um significante através da análise do conto de Poe, *A carta roubada*. Para Lacan, é a determinação dos sujeitos pelo significante "carta/letra" que possibilita a própria construção da história: o ordenamento das duas séries, uma imaginária e outra simbólica, a cena primitiva, e a segunda cena, ordenada a partir da primeira. O sujeito é então determinado por uma ordem simbólica, resultante de uma combinação de significante.

O que permitiu a Freud fundar a psicanálise foi então a descoberta de uma determinação simbólica, mesmo encontrando um limite ao interpretar as leis que a

determinam a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração: "ao insistir em que a análise da neurose fosse sempre reconduzida ao nó do Édipo, Freud não almejou outra coisa senão garantir o imaginário em sua concatenação simbólica [...]"<sup>12</sup>.

Para ir além desses limites freudianos, Lacan apelou, sobretudo, para as matemáticas, especialmente para a teoria dos jogos, a lógica e a teoria dos conjuntos:

[...] aquilo a que Freud chama sobredeterminação deve ser considerada, antes de tudo, um fato de sintaxe, se quisermos apreender os efeitos de analogia. [...] Dessa determinação simbólica, a lógica combinatória fornece-nos a forma mais radical, e é preciso saber renunciar à exigência ingênua que pretenderia submeter sua origem às vicissitudes da organização cerebral que ocasionalmente a reflete<sup>13</sup>.

É interessante verificar que Lacan se utiliza da linguística e da lógica para poder sustentar a noção freudiana de uma combinatória significativa. Miller destaca em "Intuições Milanesas" que essa máquina é singular, particular a cada sujeito, corroborando a hipótese de uma relação singular de cada um com a linguagem.

O que acrescenta a essa articulação qualificar essa máquina de original? Sem dúvida Lacan entende com isso que ela não deriva de nada anterior, mas no sentido propriamente genético, que ele critica nessa página, e não no sentido combinatório. Original também quer dizer única. Essa máquina é particular a cada sujeito, e deve ser reconstituída na experiência analítica para cada sujeito<sup>14</sup>.

Assim, o homem está preso em uma cadeia simbólica, desde seu nascimento para a linguagem. É por isso que Miller denomina esta máquina de original, como singular e fundamental para cada um. Seu ser, sua personalidade, seus traços de caráter, suas idiossincrasias são efeitos de uma

combinatória significante, regidos por certas leis responsáveis pelo ordenamento "lógico" do material inconsciente. Lacan revela que essa ordem simbólica é particular, a partir de sua fórmula "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", sendo que, mais tarde, o conceito de *lalíngua* serve também para indicar a relação singular do sujeito com a linguagem.

Lalíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se é possível dizer que o inconsciente é estruturado pela linguagem, é que os efeitos da lalíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar<sup>15</sup>.

Lacan indica que, para ele, não há uma ordem simbólica, mas inúmeras, ou até mesmo infinitas formas de ordenamento dos significantes e de organização do material inconsciente.

A adoção da tecnologia pelos sujeitos é responsável pela debilitação da ordem simbólica? Essa pergunta sugere investigarmos a relação dos sujeitos com a tecnologia, já que essa adoção é realizada por eles mesmos e que a "ordem simbólica" poderia ser uma constituinte particular a cada um. Nesse sentido, seria razoável afirmar que a adoção de um tratamento psicofarmacológico é, de fato, a adoção de uma determinada tecnologia, assim como a adoção de um tratamento instrumentalizado pelas técnicas de neuroimagem funcional, seja a tomografia computadorizada, seja a ressonância magnética nuclear.

Outro exemplo é a internet, constituída como rede simbólica, na qual o homem contemporâneo circula, se significa, joga o jogo e, ao mesmo tempo, é jogado. Ao adotar a máquina para pensar, o próprio pensamento do homem passa a ser constituído e até mesmo operado por ela. O pensamento e o ser se inserem nas redes simbólicas que se encontram *sobredeterminadas* na WEB. Por exemplo, as redes

sociais (*Facebook, Orkut, Twiter,*) e as diversas camadas constituintes da tecnologia. Assim, as máquinas passam a pensar por outras máquinas e, especialmente, pelos sujeitos. Poderíamos afirmar que elas, de fato, passaram a ocupar o lugar em que antes se encontrava a maquinaria inconsciente? É uma questão radical, pois implica na inversão do *inconsciente como máquina para a máquina como inconsciente*. Para sairmos desse paradoxo circular, basta pensarmos que a ordem simbólica se organiza de um ponto vivo do sujeito, o gozo, representado por Lacan, até certo ponto do seu ensino, pelo objeto a.

O filme *Matrix*, produzido pelos irmãos Wachowski, ilustra a ideia de uma rede simbólica responsável pela imisção dos sujeitos. É nessa rede que os sujeitos se misturam, o pensamento passa a ser exterior a eles, os duplica e os atravessa. Os sujeitos se encontram na *Matrix* como num sonho: divididos, duplicados e *sobredeterminados*.

É justamente disto que se trata em nossa disciplina na medida em que ela consiste em sondar em seu alicerce qual é o alcance, no mundo do sujeito humano, da ordem simbólica. O que pode ser apreensível nesta perspectiva é o que chamei de imisção dos sujeitos<sup>16</sup>.

O corpo do sujeito, o vivo, está fora da *Matrix*, está enclausurado, imobilizado e mortificado. Não é à toa que o último filme da série culmina na ideia de um Deus-máquina. Podemos dizer que se trata de um filme que, no fim, recai num freudismo contemporâneo, visando dar consistência ao Outro-máquina como Deus programador, um deus responsável pelo programa da cultura. A adoção da tecnologia pelos sujeitos implica na adoção das redes simbólicas, constituídas pelos avanços da lógica matemática aplicada ao desenvolvimento de linguagens artificiais. Considerar que a adoção da tecnologia é responsável pela debilitação da ordem simbólica, também implicaria investigarmos o estatuto atual do sujeito da ciência, isto é, o estatuto atual de um

sujeito acéfalo, sem cabeça e sem corpo. A máquina passa a pensar pelos sujeitos. Vale lembrar que esse sujeito acéfalo foi o modo como Freud descreveu o terreno do conflito eterno das pulsões, o conflito entre *Eros* e *Thanatos*.

Podemos assim concluir que não há "A ordem simbólica", mas inúmeras, até infinitos ordenamentos nos quais o sujeito se constitui e de onde podemos extrair a sua singularidade, o seu arranjo com a linguagem, a sua *lalíngua*.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (1985[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 235.

<sup>2</sup> KRUGER, F. (2011). "A ordem simbólica no século XXI. Já não é o que era. Quais as consequências para o tratamento?". Disponível em: <http://www.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Presentacion-del-VIII-Congreso-de-la-AMP.html>. Acessado em 30 de agosto de 2011.

<sup>3</sup> LACAN, J. (1986[1953-1954]). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 83-84.

<sup>4</sup> Idem. *Ibid*, p. 83.

<sup>5</sup> Idem. ([1966-1967]). "A lógica da fantasia". Seminário inédito, aula de 15 de março de 1967.

<sup>6</sup> LAURENT, E. (2010). "A ordem simbólica no século XXI". In: *Papers - Boletim Eletrônico do Comitê Eletrônico do Comitê de Ação da Escola Una-Scilicet*, nº 1. Disponível em: <http://www.congresoamp.com/pt/template.php?file=Comite-de-accion-Papers.html>. Acessado em 5 de outubro de 2011.

<sup>7</sup> MILLER, J.-A. (2011[2002]). "Intuições milanesas II". In: *Opção Lacaniana On-line nova série*, ano 2, nº 6, p. 2. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/Intuicoes\\_Milanesas\\_II.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf). Acessado em janeiro de 2012.

<sup>8</sup> Cf. FREUD, S. (1996[1937]). "Análise terminável e interminável". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, pp. 225-270.

<sup>9</sup> LACAN, J. (1998[1965-1966]). "A ciência e a verdade". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>10</sup> Cf. MILNER, J.-C. (1995). *L'œuvre claire*. Paris: Seuil.

<sup>11</sup> LACAN, J. (1998[1955]). "Seminário sobre a 'A carta roubada'". In: *Escritos. Op. cit.*, p. 12.

<sup>12</sup> Idem. (1998[1956]). "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956". In: *Escritos. Op. cit.*, p. 464.

<sup>13</sup> Idem. *Ibid*, p. 468.

<sup>14</sup> MILLER, J.-A. (2011[2002]). *Op. cit.*, p. 3.

---

<sup>15</sup> LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 190.

<sup>16</sup> Idem. (1985[1954-1955]). *Op. cit.*, p. 244.